

Suplemento Cultural

O TONTO

ARGUS CIRINO

O caso do tonto é o seguinte.

Havia na roça – e dizem que aconteceu – um velho, muito velho, com seu filho sambango. Quer dizer, o nome do distinto era Algemiro. O pai chamava-o de Gimiro, assim, sem mais nem menos, como Sebastião, Tião etc. E o danado era bem mocorongo, além de vesgo e de pernas tortas.

No rancho de pau a pique moravam apenas os dois. A mãe do tontinho morrera mal ele completara dois anos. Daí por diante, o velho tomara conta de tudo: do lar e da miserável gleba pedregosa.

Algemiro beirava os vinte anos, quando, certa noite – após um banho nas águas frias do córrego –, o pai caiu de cama com uma febre braba. Caiu e não levantou mais. O velho ia piorando cada vez mais, enfraquecido, impotente, subalimentado. Quando via que a morte rondava, chamou o único filho – na falta de pessoa melhor – e disse:

- Gimiro, mió ocê i buscá o farmacêutico na cidade. Acho qui tô cum maleita. Pra maleita, remédio do matu num resorve, num dianta. Ocê intendeu?

- Tindi.

- Vai lá na vila e trais o home.

- Isi ele num quisé vim?

- Conta cume qui eu tô. Ele dá os remédio i ocê trais.

- Tá certo, pai.

Aconteceu que o farmacêutico também estava de cama, com maleita. Atravessava-se por grande epidemia. Os recursos eram escassos, a febre braba graçava, espalhando cadáveres aos montes.

Fosse como fosse, o boticário levantou-se do leito e – mais morto do que vivo – veio atender o tanso. Preparou uns xaropes, cápsulas de três misturas e comprimidos de quinino.

- Teu pai sabe ler, meu filho?

- Nhor não.

Pacientemente, o idoso farmacêutico explicou ao tonto como o pai (dele, é claro) deveria tomar os remédios. Explicou uma, duas, três e quatro vezes. O diabo do vesgo estava com cara de cada vez entender menos.

- Entendeu agora, filho?

- Tindi, patrão.

O farmacêutico, não vendo a hora de cair na cama de novo, entregou-lhe os pacotes de remédios. O tonto foi até o cavalo arreado, amarrado na porta da farmácia, matutou o bestunto e voltou do meio do caminho, antes que o velho fechasse a porta.

- Que foi, meu filho?

- O senhor podi me expriçá dereito, traveis, o modo di tomá tudo isso?

Com a mesma alegria de Jó spanando a lepra com caco de telha, o bondoso boticário explicou novamente. Ao final, indagou:

- Agora, entendeu tudo?

- Tindi.

Lamentavelmente, a memória do mocorongo era tão curta que, cada vez que se aproximava do cavalo, esquecia o que o farmacêutico havia dito. E voltava.

A malária do boticário, nesta altura, já havia se transformado em peste bubônica. Tanto que, da décima vez, bradou – colérico – antes do tonto fazer nova meia-volta:

- Leve essas drogas e mande teu pai tomar do jeito que quiser!

Quando chegou em casa, o velho já havia batido com as dez. No terreiro, havia algumas pessoas, visitas entristecidas.

Revoltado, o tonto pegou o pacote de medicamentos e lançou fora, pela janela, e gritou no ouvido do cadáver do pai:

- Ocê também, né, pai! Isso é coisa qui si faça? Num pudia esperá eu premero chegá pa modi morré?

É, dizem que isto realmente aconteceu neste sertão de nosso Brasil.

De certa forma, nós até que duvidaríamos... mas acontece que não somos doidos de chamar nosso “velho” de mentiroso!

Rua de Lindos Sonhos

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO
– PRESIDENTE DA ASL

Momento prazeroso este quando recebo, semanalmente, o telefonema do acadêmico e fausto amigo Geraldo Ramon Pereira, romancista e poeta de fulgor perene, eficiente coordenador da página “Suplemento Cultural”, do jornal *Correio do Estado*, solicitando textos.

Hoje, meu caro Geraldo, o texto digitado tem o ingrediente saboroso de saudade infinda da infância, das lembranças dos primeiros anos passados na rua em que nasci, de visão panorâmica do Rio Paraíba. Não consigo libertar-me desse encanto, o piedoso encanto das recordações ingênuas que adormecem em mim. Carrego a Rua da Palha comigo. A marca é tão profunda que, já descendo para a velhice, muitas vezes acordo, tendo sonhado que estava lá. Dos seus moradores, lembro-me de um a um, são imorredouras paisagens que passam em evocação na minha alma.

Eu tinha dez anos quando meu pai presenteou-me com um chapeuzinho de palha.

- Protegerá seus olhos do sol queimador – disse, carinhosamente.

Agarrei-me ao chapeuzinho como se fosse um pedaço de mim. Na confluência da rua com os trilhos da Rede Ferroviária do Nordeste, havia a Bodega Pioneira do seu Severino, que era gago e inventor da Cachaça Geladinha, a preferida do lugar. Quando eu passava pela bodega e via o dono na porta, tirava o chapeuzinho, com o maior respeito, só para ouvir seu Severino gaguejar:

- Como vai... Re... Re... Re... – até ele concluir: – Re...ginaldo?

Eu ficava parado, prendia o riso entre os dentes. Depois, punha o chapeuzinho e seguia, sério. Seu Severino me achava um menino muito bem-educado. Morreu com essa impressão. Até hoje, imagino que ele estava certo.

No finzinho da rua, do lado direito, existia o consultório do Sr. Moreira,



Trecho do Rio Paraíba (do Norte) – na cidade de Itabaiana, estado da Paraíba

“

Não consigo libertar-me desse encanto, o piedoso encanto das recordações ingênuas que adormecem em mim. Carrego a Rua da Palha comigo, (...) imorredouras paisagens que povoam minha alma”

que se dizia dentista, sem diploma, por isso metia medo na meninada. Com os meus dentes, vieram dois fora do lugar, trepados na frente. Seu Moreira disse que precisava arrancá-los.

- Não! – bradei, com toda força do pulmão.

Meu pai prometeu, se eu deixasse, que nunca mais me surraria.

- Tá falando sério? Jura?

- Tô. Juro.

- Então eu deixo.

Seu Lucindo cumpriu a promessa.

Nunca mais apanhei.

O meu primeiro amor foi uma menina que morava em frente do primeiro bueiro da rua, de minha idade, de belos olhos negros, formosa morena cor de jambo, que cantava com outras meninas na “roda”: “O amor que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou...”

Doce lembrança que teima em ficar latente em meus pensamentos. O poeta Mário Barreto França perpetuou essa doce lembrança ao poetizar:

“O teu olhar. Farol entre os escolhos,

Trançados de lágrimas tranquilas,
Fica a mostrar as pérolas de uns olhos

Nas conchas entreabertas das pupilas!”

O encanto da rua da minha infância tinha um toque de magia. Eu descia sua ladeira montado num cabo de vassoura, mas eu o chamava de cavalo. Um mascate apareceu na rua vendendo uma boneca em cima de uma caixa de música, mexia a cabeça e as mãos para ler um livro. Foi o brinquedo mais engraçado que eu vi quando criança.

É, Geraldo, falei-lhe de uma rua cheia de céu. Céu em reflexo no chão pontilhado de felicidade. Outro dia lhe contarei outros lances.

POESIA

CANTO DO TEMPO

*Nos bastidores, aguardando a hora,
Todo emoção, mirando-se à maquiagem,
O artista se analisa na demora
Que o separa do início da mensagem...*

*E vê que o monstro do tempo se aflora
A distorcer do sonho a bela imagem...
E o astro entra a cantar, enquanto chora
Entre risos e rugas que interagem!*

*O palco o sente e reconhece o passo,
Mas o velho cantor capta no espaço
A cruel verdade que ora o desencanta:*

*Aquelas palmas são para o passado,
Sem dúvida seu canto está calado,
Ele dubla a saudade e o tempo canta!*

GERALDO RAMON PEREIRA

TEUS OLHOS VERDES

*Bandeirante do amor, parti cantando
Na busca ingrata de jazidas puras.
E depois de carpir mil amarguras
Nos matagais da vida, soluçando,*

*Tive sonhos febris. Sofri tonturas
Ante o fulgor do que vivi buscando.
Não conheci no pobre peito, arfando,
As carícias, os beijos, as ternuras.*

*E regresssei, certo de haver achado
As minas divinais de um sonho usado,
Entre rios, florestas, entre abrolhos.*

*Jamais alguém achou tanta riqueza
Como eu achei – o Poema da Beleza
Das esmeraldas tristes dos teus olhos.*

ALTEVIR ALENCAR

Poemas Concebidos sem Pecado

PE. AFONSO DE CASTRO

A temática deste primeiro livro do poeta Manoel de Barros compreende reminiscências da infância do poeta na cidade de Corumbá ou cercanias. As lembranças são recriadas nas asas da liberdade. Procura, além de recordar, fixar cenas, retratar o que a memória lhe oferecer como matéria do poema. Algumas cenas de Corumbá reaparecem através da vida passada por costumes infantis ou por personagens que se impuseram à memória como significativos na vida de então. O princípio selecionador desses tipos já está a indicar a tendência futura, isto é, a convivência com as crianças, com os bêbedos, com os loucos, com os vagabundos e com tipos exóticos, de modo especial, apreciados pelo desprendimento e pela completa gratuidade de tudo. O poeta ironiza os parnasianos, e a si também, ao afirmar que a poesia, o poetar excita a vida.

A composição dos poemas deste livro não obedece a qualquer critério formal, obedecem os poemas ao ritmo do poeta, que, por sua vez, governa-se pelo ritmo das palavras e da própria poética. Não há como separar verso/conteúdo e figuras estilísticas. A poesia em Manoel de Barros manifestou-se como um todo complexo e compacto, sobressaindo o trabalho e o trato das palavras. A forma não é buscada enquanto forma, mas enquanto expressão e palavra poética. É a expressão poética que cria a forma. A palavra geradora

de poesia é que se dispõe, criando. A partir daí, o fluir dos poemas impõe-se por si. As alusões irônicas ao parnasianismo são insignificantes para quem cometeu o primeiro livro de cento e cinquenta sonetos e não o publicou.

Como composições significativas, indicam-se, como dado inicial marcante da modalidade de poemática, “Cabeludinho”, e, para mostrar os tipos de sua infância, o poema “Seu Margens”:

CABELUDINHO

*Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho
Bem diferente de Iracema
Desandando pouquíssima poesia
O que desculpa a insuficiência do canto*

Mas explica a sua vida

Que juro ser o essencial

- Vai disremelar esse olho, menino!

- Vai cortar esse cabelão, menino!

Eram os gritos de Nhanhá.

SEU MARGENS

Seo Zezinho-Margens-Plácidas, célebre fazendo de discursos patrióticos, agora aposentado, morava em seu sítio denominado A Abóbora Celeste, numa curva da estrada que procurava a Cacimba da Saúde.

Vendia passarinhos e demais produtos do sítio.

Agente negociava:

Seo Margens, dá duzentão de sabiá...

Vinham 3 sabiás: 2 de quiçaça e 1 de laranja.

Coisas de Mulher

LUCILENE MACHADO

Ela queria ser amada. Coisas de mulher romântica. Nasce, cresce, envelhece, mas continua uma menina. Sofreu as decepções mais elementares, dessas que incluem abandono, traição, machismo, injustiça, violência e outras minúcias que deveriam ser abolidas da pauta dos relacionamentos. Ainda assim, sobreviveu. As mulheres sempre sobreviveram. São feitas de uma matéria frágil, cuja embalagem deveria conter uma advertência: “Manipule com cuidado!” Porém, se a parte interessada se nega a compreender a implícita recomendação do rótulo, ou talvez até seja mesmo inteiramente analfabeta, contribuindo para a confraternização de trágicos episódios, não suplanta a garra da mulher. Ela reúne os cacos, as partículas, sacode a poeira, dá a volta por cima e jura (as mulheres sempre juram) que nunca mais se deixará envolver. E, na primeira oportunidade, lá está ela caindo no mesmo buraco.

Coisa de mulher carente!

A mulher para quem abro, aqui, esse parêntese foi constituída, também, desse intrigante barro. Acreditou em príncipes, em alma gêmea, na outra metade da laranja... alimentou a ilusão de encontrar alguém que a considerasse importante, que compreendesse seus sentimentos; alguém amável, terno, com senso de humor; alguém que a confortasse quando estivesse deprimida, sem advertência ou censuras; alguém digno de confiança, que ocasionalmente lhe escrevesse uma carta – um bilhete que fosse – declarando seu amor; alguém que lhe surpreendesse com flores, cartões e confissões de sentimentos, pensamentos, fraquezas, frustrações...

Durante muito tempo, esperou alguém que, de vez em quando, preparasse o jantar enquanto ela ouzasse tomar um banho demorado; que mostrasse simpatia quando ela tivesse alguma indisposição; alguém que segurasse sua mão em público e lhe abraçasse na frente dos amigos.

Coisas de mulher sonhadora!

Entretanto, descobriu tardiamente que o homem ideal não existia. Se existisse, com certeza, não seria ela a merecedora de tão preciosa dádiva. Desistiu do intento. Fez pacto. Promessa. Porta trancada. Que dor que dava! Quanta vontade de conhecer o infinito, de colocar estrelas no prato, na cama; de engolir a lua, refletir os sóis de outros planetas e correr livremente pelo espaço sideral.

Coisas de mulher nostálgica!

Recolheu-se numa casa de caracol. Resistiu às perspectivas tentadoras, matou todas as possibilidades. De vez em quando, deparava-se com pensamentos furtivos e escrevia nomes na vidraça... porém, logo se redimia, restaurava a casa, reparava as frestas, as fendas, rasgava as ideias e lutava contra as leis da física (ou físicas?) que estão sempre presentes na relatividade dos previstos.

Coisa de mulher prevenida!

Entretanto, esqueceu de apagar as pistas. Deixou marcas e pegadas na areia. Deixou o cheiro da fêmea no ar, detalhes que não foram pressupostos. O “inimigo”, que veio pelo instinto, conhecia de estratégias, de ciências exatas, de campo magnético, de polos... positivos e negativo, sabia convergir e divergir. Seu intento? Atrair e atrair. Só não percebeu que estava andando sobre um campo minado. Faltou-lhe intuição (penso que intuição também é coisa de mulher), faltou, ainda, cuidado. Quando os jornais publicaram foto dela como a principal suspeita do crime, ninguém quis acreditar. Nem eu!

Coisas de mulher imprévisível!